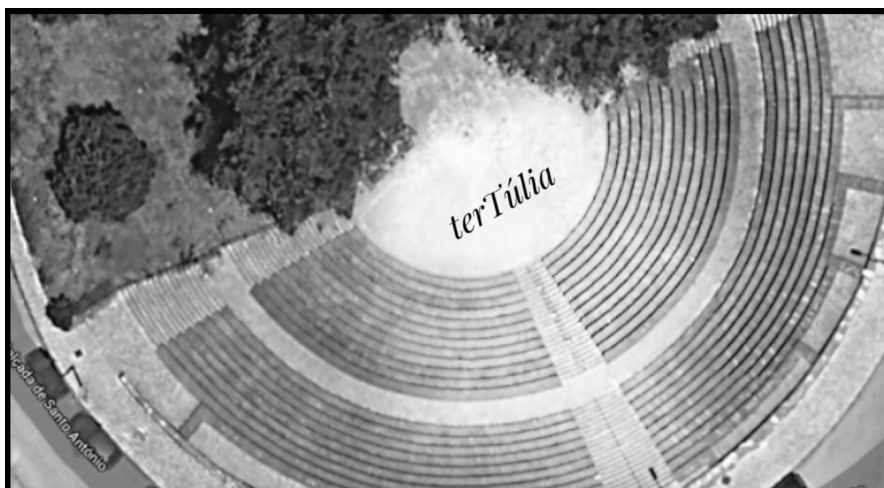


TerTúlia _ Dizer o silêncio, para dois contentamentos — JES e TS — com Melville ao fundo



Na senda *Das Vanguardas nas Artes em Portugal*, e se a geografia chama Coimbra, logo temos na órbita que me cumpre **Túlia Saldanha (TS)**. Tem a sua, bem digna, obra artística publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian, e o aturado estudo editado merece atentas leituras, múltiplas. Um património a estudar, esse o da História das Mulheres na Arte, na Sociedade, em Portugal; da história das suas fatalidades sofridas nos desígnios do "Estado Novo". **José Ernesto de Sousa (JES)** foi talvez o maior admirador da obra de Túlia Saldanha. Eu também, e ainda hoje, com grande humildade trago nos meus *objectos poemas* um pouco de *negro luto*, em elegia. *Contaminações*. Escrevi com grande comoção palavras avulsas, dolorosas, ao relatarem-me a sua finitude — "Um voo em círculo antes da morte" [Rua Larga, #10, revista da reitoria da Universidade de Coimbra, 2005]. E guardei a alma [Triplov, 2014].

O mensageiro entre Túlia a terminar, em Macedo, e eu em Coimbra, veio a seu tempo transmitir-me a vontade de que fosse eu a ficar no lugar dela, dirigindo o *Círculo* [CAPC]. Mas comecei, categórico, por recusar. Tinha a minha vida orientada longe de Coimbra, e gerindo territorialidades e disciplinas bem distantes das que ali, naquela Coimbra, se apresentavam. E tinha eu já cumprido o *Círculo*, e bem mais do que a *Academia* pedia. Foi transmitida a minha recusa, mas logo uma solicitação em desespero me foi veiculada, e como sendo a última vontade de Túlia antes de falecer. As últimas palavras, transmitiram-me, era que Túlia não queria morrer sem o meu sim. Acabei por aceitar, pela Túlia e pela *Academia*.

Túlia, em Coimbra, bem cedo deslocada de Trás-os-Montes, viveu em Santo António dos Olivais, onde em casa dela privei, como convidado, com o José Ernesto de Sousa, o Alberto Carneiro, o João Marques [tão admirador de Guy Debord]. Lugar bem próximo de onde está edificado o enigmático *Auditório das utopias*. Aí gerei um *progesto* em elegia a Túlia Saldanha. Um *poema visual* de quem quer reinventar a vida, de novo — a de entes queridos.

A aqui palavra da invenção é: **terTúlia**. E o dicionário das emoções ficou mais rico. Uma elegia a Túlia Saldanha, Pintora. Há Mulheres com **M** grande, bem grande. Com **T** grande, bem grande — para além do **T** de Tempo, da **Terra pintada de negro. Bem negro**. Túlia contempla-nos, na senda das Vanguardas, com uma digna e elevada **Obra em Negro**. Alguém disse de Coimbra ser *lugar onde o preto é cor*. Revisite-se, a cada tempo, a **Arte de Túlia Saldanha**.

A seu tempo, e para cumprir a vontade de Túlia relativamente a um segurar o *Círculo*, e numa pretensa senda das Vanguardas, ou melhor, dos sonhos impossíveis, preparei uma direcção onde eu me restaria o mínimo tempo, e faria uma digna transição célere para a *comunidade estudantil da Academia*, pois era essa a identidade legítima que sempre advoguei e que a *académica cidade* zelava por assumir. Inscreveram-se novos *associados universitários*, e aí gerei o surgir de um rumo identitário no contexto da *Academia*, parte integrante da Universidade de Coimbra. Gerei de princípio, e apenas como *Princípio*, e antes de sinergizar novas revelações que logo mostrei [revistas: *Via Latina*, *Rua Larga* na IUC, *Imprensa da Universidade de Coimbra*] retomando a linha identitária do ciclo de exposições de 1979-1980, essas que havia formulado com o Alberto Carneiro, e criei então o ciclo: **A Arte das Ideias, as Ideias da Arte** — com Leonel Moura, Rui Chafes e Pedro Cabrita Reis, e. o., sempre de modo conjugado com a *Academia*. Eu tinha reactivado a revista **Via Latina** [DGAAC], reformulando-a profundamente, aí onde os desígnios das Vanguardas foram encontrados. Vale visitar esta publicação, que deu a ver múltiplos valores das Artes, de Julião Sarmento a Jorge Molder; de Carrilho da Graça a Alberto. E não menos, os trabalhos estruturantes gerados no lugar, os inéditos de Pedro Cabrita Reis para **Cogito** e **Silêncio e Vertigem**, momentos singulares da *Arte em Espaço Público* em Coimbra, patrocinado e a gerar diálogo com a *Academia* e a sua comunidade a dizer — **Cogito ergo sum** (René Descartes) [que vulgarmente dizem como sendo: *penso logo existo*. Mas advogam alguns tradutores que temos sim: "penso, portanto sou". E, logo temos Carl Jung a lembrar-nos que: "**pensar é difícil, por isso a maioria das pessoas prefere julgar**". E, assim tão pouco, tão poucas vezes, somos].

Cogito. *Arte pública, do público, para o público, e a arte em espaço público*, foi então aturado tema de estudo e diferenciação sociológica, com o Paulo Filipe Monteiro ao fundo.

Ao saber deste *fórum* de tertúlias, *visionário*, no Auditório de Santo António dos Olivais, na Coimbra das utopias, **para além da utopia**, José Ernesto de Sousa ficaria contente.

Gerada esta *progestual*, e imaginária, tribuna, é tempo de dar, mesmo que de modo virtual, e ficcionando, uma imaginária *presença programática* à presente causa e lugar: **terTúlia**, ou não fossemos **lança-chAmas de sonhos**. E na senda de uma geografia particular — *Das Vanguardas nas Artes em Portugal*. Trago assim 5 mulheres, em Coimbra, para residirem numa convulsa tertúlia onírica —. Juntemos assim, e com a memória de Túlia Saldanha agora no devir da paisagem [e como que a pintora continuasse connosco] agora a presença viva de Rosa Oliveira, Cidália Fachada, Bénédicte Houart, e Lúcia Ramos. Assim temos juntas 5 *inventoras da poesia*, multimodo, **todos os dedos da mão**. Mão que pinta, que dança, que escreve.

Rosa Oliveira, e a sua comunhão da poesia com as plásticas, sempre vigorosa, traz-nos títulos: *Cinza* (2013), *Tardio* (2017), *Errático* (2020), *desvio-me da bala que chega todos os dias* (2024). Cruzámo-nos no *Círculo_CAP*, e depois no **Califa Tempo de Cultura**, lugares gerados para a invenção das artes, que procurei, a seu tempo, sinergizar. E agora somos elementos da antologia urbana: **Revolução Já!_Poesia Pública**, na cidade do Porto, na efeméride dos 50 Anos da Democracia em Portugal.

Cidália Fachada [três títulos: *Secreto Brilho* (1996), *O Fogo nas Laranjeiras* (1998), *A Parte Intacta* (1999); assim como uma singular peça de Teatro: *Entrevista com Melville (ou mais exactamente, Entrevista com Melville ao Fundo)*], obra que surgiu classificada — MC, IPLB, *Bolsas de Criação Literária*

